

# Moratória não acabou, jura Mailson

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, disse ontem, durante debate com parlamentares no Senado, que o Brasil continua em moratória, já que não está pagando os juros totais da dívida externa. Em resposta ao senador Mário Maia (PDT-AM), Mailson disse que o Governo não renegou a Moratória, mas que o presidente José Sarney "teve a coragem de ouvir novos argumentos" sobre a negociação da dívida externa.

O encontro no Senado tinha como tema o último pacote fiscal do Governo, mas as perguntas de senadores e deputados terminaram abordando insistentemente a questão da dívida externa. Ainda em resposta a Mário Maia, o ministro da Fazenda fez uma análise sobre a moratória, para concluir que a suspensão dos pagamentos não atingiu seus dois objetivos: Melhorar a capacidade

de negociação do País e aumentar o nível de reservas.

## Sem vexame

Com um superávit comercial de US\$ 11,2 bilhões, menos 3,2 bilhões da conta de serviços (Frete, seguros e turismo), o País deveria ter aumentado suas reservas, depois da moratória em US\$ 8 bilhões, argumentou Mailson. Mas as reservas aumentaram apenas US\$ 500 milhões no ano passado, com a perda de créditos, aumento de "spreads" no curto prazo e outros pagamentos ao exterior.

"Não vejo vexame nenhum para qualquer Governo, em reavaliar suas posições", defendeu Mailson. Ele negou porém, que, durante a reunião ministerial de segunda-feira, o presidente José Sarney tenha qualificado a moratória como o "maior erro do seu Governo". Mailson Evitou também assumir a conclusão que Maia tirou de sua argumentação — de que a política do PMDB para a dívida externa

tenha sido um fracasso. "O senhor é que está dizendo isso", esquivou-se. E não quis avaliar os aspectos de soberania da moratória.

Mailson admitiu que a dívida é impagável. "Ninguém, em sã consciência, pode admitir que o Brasil vá pagar 100 bilhões de dólares do dia para a noite", afirmou. E defendeu o processo de endividamento do Governo — tanto da dívida externa quando da interna — como um meio de expandir a economia, gerar impostos e empregos. O que é preciso, segundo o ministro, é cuidar para que o custo do endividamento não exceda seus benefícios. Mailson reconheceu que o volume da dívida interna — cerca de US\$ 100 bilhões, quase o mesmo da dívida externa — está chegando perigosamente perto desse limite — só o déficit previsto no orçamento deste ano representa um aumento de US\$ 5 bilhões no endividamento interno do Governo.